



HETEROGENEIDADE DISCURSIVA E PRODUÇÃO DE SIMULACROS NA ESCRITA ACADÊMICA

Jorge Luiz Soares Ribeiro¹

Nilsa Brito Ribeiro²

Agência financiadora: CNPq/PIBITI

1. INTRODUÇÃO

O plano de trabalho intitulado “Heterogeneidade discursiva e produção de Simulacros na escrita acadêmica, vinculado ao projeto de pesquisa “A escrita de si e processos de subjetivação: formação de professores na Amazônia Oriental”, tem como objetivo geral analisar nos relatórios de estágio do aluno universitário como o discurso constrói a relação do sujeito com as vozes científicas que compõem as bases teóricas de sua formação. Para o alcance deste objetivo, estabelecemos como objetivos específicos: i) Identificar, na escrita dos alunos, formulações discursivas que caracterizem o discurso relatado. ii) Identificar as diferentes relações interdiscursivas estabelecidas nas formulações identificadas. iii) Analisar efeitos de captação ou de subversão produzidos nos simulacros construídos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho se fundamenta nos estudos de discursos, sob a perspectiva de que o sujeito se constitui na e pela linguagem. É com base nesta perspectiva que selecionamos como *corpus* de análise relatórios escritos por alunos de Letras e Pedagogia durante a realização de disciplinas de Estágio Supervisionado de Língua e Literatura. Nos relatos, compreendidos como discursos em que se produzem diferentes imagens relacionadas, sobretudo, à formação do futuro professor de Língua Portuguesa, destacamos imagens produzidas discursivamente, sob o jogo do simulacro que o discurso produz. A pesquisa segue os seguintes passos metodológicos:

- ✓ Contato com as teorias de discursos, para melhor compreensão dos processos discursivos que pretendemos analisar;
- ✓ Seleção dos relatórios que integram o *corpus* do trabalho;
- ✓ Leitura dos relatórios;
- ✓ Sistematização de enunciados que sugerem a presença de diferentes vozes discursivas;
- ✓ Analisar o funcionamento de captação ou subversão entre o discurso que cita e os discursos citados, enquanto uma marca da produção de simulacros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando que o Plano de Trabalho, inicialmente aprovado para ser desenvolvido em um ano, teve vigência de apenas seis meses, nesta primeira fase de pesquisa, selecionamos os relatórios que serão analisados, conforme quadro abaixo:

CURSO	NÚMERO DE RELATÓRIOS
PAFOR – LETRAS	15
PEDAGOGIA	22
LETRAS	12

¹ Graduando do curso de Letras – licenciatura plena em língua portuguesa – UNIFESSPA. Bolsista do projeto de pesquisa: A escrita de si e processos de subjetivação: formação de professores na Amazônia Oriental. E-mail: jorgesozares27@gmail.com

² Doutora em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada II da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (FAEL/ILLA/Unifesspa). Coordenadora do Projeto “A escrita de si e processos de subjetivação: formação de professores na Amazônia Oriental” /CNPq. E-mail: nilsa@unifesspa.edu.br

TOTAL	49
--------------	-----------

Numa primeira incursão de análise, destacamos abaixo dois enunciados para uma primeira incursão no material de análise,

Na maioria dos discursos relatados em forma de citação, percebemos que os alunos dos respectivos cursos fazem uso das citações para marcar o discurso de autoridade, em que o autor usa o discurso do outro para validar sua teoria. É o que acontece no caso abaixo.

3.1 A VOZ DA TEORIA SUSTENTANDO O PONTO DE VISTA DO ALUNO

Enunciado 1 (Doravante, E1)

Nesse sentido, entende-se que o professor enquanto sujeito mediador no processo de ensino aprendizagem não sustentará a ideia equivocada de que ele detém o conhecimento. Para tanto, é preciso conscientizar que neste processo é imprescindível considerar que o aluno não é mais sujeito passivo. Daí a importância de propiciar condições para que ele se torne capaz de organizar sua opinião, de se expressar, de argumentar sobre alguma temática. É dessa forma que ele vai produzindo seu próprio conhecimento. Tal atitude vai de encontro de concepção de Paulo Freire (1996, p.22) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (RELATÓRIO 1 – LETRAS)

Ao observar esse primeiro enunciado, percebe-se que o autor estabelece uma relação entre o que elege enquanto objeto de seu discurso - que é a reflexão sobre a necessidade de o professor se conscientizar de que o aluno não é um ser passivo, por isso ele deve tomar parte no processo interacional da sala de aula – e a voz teórica – voz de autoridade - na qual o sujeito da escrita se ancora para fortalecer o seu discurso. A voz de autoridade é a voz de Paulo Freire, sujeito que goza de prestígio acadêmico e que oferece ao produtor do relatório um “discurso maior”. Assim, podemos dizer que o autor fez uso dessa citação para validar a sua discussão, tornando, desse modo, a formação discursiva mais válida.

3.2 VOZES DE AUTORIDADE DISSONANTES

Embora a maioria dos discursos relatados em forma de citação marque uma voz de autoridade para validar a formação discursiva, encontra-se, com certa frequência, nos relatórios de estágio, citações que não reforçam a formação discursiva pretendida pelo autor, ou seja, a citação, muitas das vezes, difere da discussão proposta pelo autor, produzindo um simulacro desse discurso. Analisado o segundo enunciado, logo abaixo, podemos perceber um caso desse tipo.

Enunciado 2 (E2)

[...] Assim, o professor deve refletir sobre sua prática pedagógica a partir de concepções teóricas que possam fundamentá-la de modo a tornar significativo o ensino de língua materna. Nesse sentido, observa-se a importância da teoria como um embasamento relevante no campo da prática, a primeira deve ser vista como uma espécie de alicerce da segunda. Desse modo, nota-se que o professor precisa de conhecimentos teóricos que venham dar suporte à sua prática pedagógica. Nesse viés elucidava Passarelli (2006, p. 372) “teoria e prática são lados de uma mesma moeda, implica resignificar o plano teórico cujo fundamento básico está na compreensão do fenômeno educacional contextualizado, de modo que possamos atender as necessidades da escola e da vida cotidiana”. (RELATÓRIO 1 – LETRAS)

Ao analisar o E2, percebemos que a discussão feita pelo(s) autor(s) não se adequa à discussão feita pelo discurso do Outro presente nesse texto. Embora o discurso relatado em forma de citação comece com “teoria e prática são lados da mesma moeda”, que confere com a formação discursiva proposta pelo(s) autor(s), percebe-se que a discussão proposta pela autora citada vai além da discussão “teoria x prática”, ela propõe uma reflexão para o contexto educacional, de modo que essa compreensão do contexto em que os indivíduos estão envolvidos, aliados a teoria e prática pedagógica, trará resultados mais significantes para a prática pedagógica na escola e na vida cotidiana.

Dessa forma, percebemos que, ao invés de validar a formação discursiva proposta pelo(s) autor(s), o discurso relatado em forma de citação é um simulacro, pois cria para o(s) autor(s) uma espécie de semelhança com a formação discursiva por ele(s) proposta. Essa semelhança entre a discussão proposta e o discurso citado, muitas das vezes, é tão real que os interlocutores chegam a nem perceber que não há sintonia entre seu discurso e o discurso do Outro.

4. CONCLUSÃO

Dado exposto, a análise parcial que fizemos até o dado momento é que, embora na maioria dos discursos relatados em forma de citação sejam feitos para validar a unidade discursiva proposta pelo autor, em muitos casos ainda ocorrem citações que não condizem com a proposta enunciativa do autor. Dessa maneira, essa pesquisa serve também de base para uma reflexão sobre a produção de conhecimento durante a prática formativa do aluno de Letras e Pedagogia e como os conhecimentos da área de formação deste aluno dialogam com a sua prática, para que sua produção escrita na academia se torne cada vez mais produtiva.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1998.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, S.P: Pontes, 1997.

POSSENTI, S. Simulacro e interdiscurso em slogans. In: _____. **Os limites do discurso**. Criar edições: PR, 2002, p. 195-2014.